

# Tribuna

Orgão de defesa dos interesses do município e do Estado

GERENTE:  
JOÃO MANGILLI

REDATOR RESPONSÁVEL:  
PROF. DOMINGOS RAMACCIOTTI

ANNO II Brasília

Espirito Santo do Pinhal, 9 de julho de 1934

S. Paulo NUM. 152

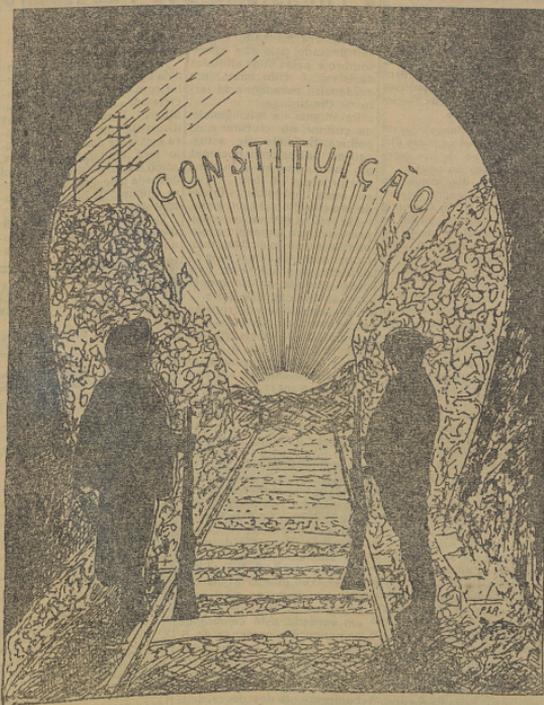
## DESANDANDO

Romão Gomes

Quem não é técnico em assuntos militares não compreende bem certas questões que se passam na caserna por elementaríssimas que pareçam. Assim, é frequente ver-se encarar-se com fúria que faz muita gente, em geral, quando discute aqueles assuntos. Exemplifiquemos:

—Indivíduos de boa cultura empregam indistintamente as palavras *estratégia* e *tática*, para qualificar a atuação de um oficial que muitas vezes se limita a conduzir bem a fração de tropa sob suas ordens e a comandá-la com habilidade. Outras vezes o oficial qualifica o ato tático ou de estratégia por isso se apenas como se portaria de um bom concededor das vantagens e desvantagens que oferecem certos terrenos, tirando partido desse fator importante. Certo é, entretanto, que o oficial que conhece tática é aquele que sabe articular as diferentes armas no teatro de operações, fazendo entrar em ação no momento oportuno, de modo a tirar o máximo resultado de cada uma delas. Estrategista é aquele que determina deslocamentos e concentrações nos pontos mais apropriados com a perda mínima de tempo, utilizando-se das vias e dos meios de locomoção que lhe permitam a maior celeridade, oportunidade e surpresa.

—Outros, a sua ignorância rende essa profissão é tão grande que chegam a confundir as partes do cartucho, umas com as outras, e estas com o todo. Assim, quando os jornais noticiam um caso policial, em que houve feridos, costuma sair uma narração parecida com esta: «Ontem, às 10 horas, F. morador à rua da Canela, n.º X, depois de acalorada discussão com Y, sacou de um revolver, disparando várias vezes sobre o seu antagonista, etc., etc. A arma encostada no local do crime continha duas balas intactas e quatro cápsulas deflagradas... Quando se deveria dizer, ao invés de balas, cartuchos, e em lugar de cápsulas deflagradas, estojos. Sabendo-se que cápsula é o pequeno involucro de metal que ocupa a parte central do culote do cartucho, e que encerra fulminante de mercúrio ou uma mistura deste com clorato de potássio ou sulfato de antimonio. A bala é o corpo arremessado pela explosão da carga, e o estajo é a parte que encerra o resumo as outras três balas, ou, melhor, Projétil, cápsula e carga... Nessas condições não podem sair, ainda, os leigos que a disciplina militar impõe uma obediência passiva e absoluta. Assim, não militar se julga prejudicado, dignos a título de exemplo, na escala ou desli-



gação de um serviço que, a seu vez, não lhe tocava, ao poder queixar-se ao superior ineducado de executado e referido pelo e com a devida licença de mesmo superior, contra quem dar queixa. Costumava-se resumir tudo isso no seguinte brocardo: «O superior é o único responsável pelas ordens que Realmente assim deve ser. Resoluções na guerra que devem ser tomadas imediatamente para reduzir determinado resultado. Cinco minutos depois pode ser tarde demais. Imagine-se um general, no plenário de um conselho de guerra, a necessidade de tomar uma decisão urgente e para isso seja necessário previamente ouvir cada um de seus subordinados e conciliar todas as opiniões!»

Pois bem, a Força Paulista, sendo uma corporação sobra qualquer urgente o título inflorada pelo saudoso Cel.

Dalany, da primitiva Misão Francesa instrutor da milícia, não podia indagar, como não indagou, do pacto de fins de setembro de 1932. Si esse pacto foi bom ou mau, oportuno ou precipitado não é objeto de nossa preocupação neste momento. O certo é que não cabe responsabilizar a todos os componentes da referida Força por um pacto que dele só tiveram conhecimento depois de consumado. Verdade é que sobre a oportunidade da cessação da luta fora ouvido um grupo de oficiais. As opiniões, todavia, só depois de firmadas e, em parte, postas em prática é que foram trazidas ao conhecimento de alguns comandantes, que se achavam na Capital e imediatamente perguntou-se agora: Si foram prejudiciais, devemos voltar nossas iras contra a totalidade da tropa e Si foram boas, merecem aplausos a tropa ou é a direção que os mereceu?

Entre as dependências do Estado foi certamente a Força

Paulista a que mais sofreu com a revolução de 1932. Essa corporação, que até 1930 constituía uma força molinar, pela sua primordial instrução, garbo, disciplina e eficiência belica, experimentou em 1932 um golpe mais duro e de mais difícil reparação que qualquer outra instituição estadual.

Sobre a sua antiga eficiência fala mais alto do que nós a literatura que sustentou em 1930, garantindo, assim, a heróica de Mourugão, dez quilômetros a dentro do território paranaense; a fulminante arremetida na fronteira de Minas.

Em 1932, embora estivesse mais enfraquecida que dois anos atrás devíamos fazer a justiça de reconhecer o valor militar de suas unidades, assinaladamente as que seguiram para o Norte. Nos vários setores perduram a vida centenas de soldados, cabos, sargentos e oficiais do segundo batalhão, do primei-

ro e de outras unidades da referida milícia. No hospital militar havia sempre uma média de mais de duzentos feridos. Companheiros valerosos e inextinguíveis os capitães Uchida, Marcelino, Ribeiro Junior, Teunentes Penha, Quirino, Rubimberg, Sodré, Durval, Soutinho e vários outros, como o grande Cel. Salgado, que caíram nos duros dias de combate para não mais se levantar.

Finda a luta é que essa corporação mostrou a sua capacidade de sofrimento, o seu grande valor, pois o verdadeiro valor de um homem revela-se, não somente nos dias febris da atividade intensa ou nas horas de triunfo, mas, é o que se evidencia nas dias seguintes às reviradas e nas horas intransponíveis da humilhação. Assim, sem uma queixa ou qualquer manifestação de descontentamento, a brava milícia ficou sem as suas armas automáticas, cerca de 800 metralhadoras que foram pagas pelo tesouro paulista sem que fosse indenizado; viu-se também despojado de grande número de fuzis e de quase toda a munição; seu efetivo, que era superior a nove mil homens, ficou reduzido a seis mil, perdendo também o comando próprio, que passou a ser exercido por oficiais estrangeiros, cubanos muito competentes; de tudo isso o que é mais doloroso é que ficou também sem o apreço de grande parte dos próprios coestaduanos!

É tempo já, entretanto, de se analisar os fatos com mais calma e, por isso mesmo, maior ponderação e justiça. A Força Paulista deve estar inteiramente a desfeição do governo paulista, entre outros motivos, seja qual for, intrinsecamente obediente e unido dentro dos preceitos legais; deve ser uma corporação essencialmente devotada aos interesses de S. Paulo, onde não possa haver a mais leve ingerência política, e si que desejamos uma milícia à altura do progresso paulista. A administração do Estado só deve ver na milícia um aparelho especializado para a manutenção da ordem e conservação do respeito devido à majestade da lei. O governo atual tem o dever de melhorar a tradicional e já centenária milícia paulista, auscultando de perto as suas necessidades, fortalecendo a sua eficiência, dentro dos limites das suas possibilidades, e outorgando aos seus componentes as garantias indispensáveis ao desempenho da nobre missão que lhes esta afeta.

S. Paulo, Julho de 1934.

### PINHALENSES!

Aliste-vos todos no Partido Constitucionalista. O Posto de Alistamento atenderá a todos, com solicitude e presteza.







os ouvidos adivinharam rumores extravagantes que se aproximavam, enchendo-se do extranhamento das marinhas.

Porque as pupilhas se dilatam tanto? Esse barulho surdo, tantantão, é do coração que bate forte.

O rápido, o leve e o estranho andam juntos, agourentos. As escamações de mal-estar costumam causar surpresas: suspendem a vida.

É o segredo que anda no ar? Respetemos o ar.

E as rusas, que andam reptando de almas vãsias? Para a rua, todos!

Só uma coisa é sabida confortavelmente: ainda existe uma felicidade cheia de campos, em um bem-estar; um planalto longe, calando em cerimonia junto ao mar, de um lado; rios que correm elevandatos, levando incruentos vitoriosos, mais montanhas verdes, dos outros lados.

Por força que é São Paulo, Ceará ainda o quer? Preceções ligeiras combinadas com o ciclar de latos indecisos fazem os rápidos ascosos que existem em todos os silêncios de vagas as atmosféricas, para que sejam.

O imprevisível está para acontecer? Falam as igrejas, que estão cheias de orações palitadas.

É a guerra? Fale o apóstolo São Paulo, o providente *«fa guerra por toda parte, em guerra, no mar, nos espíritos»*.

Planos da guerra: *«São Paulo será nosso. Pra zo: dentro de uma semana. São Paulo é nosso. Tem no. há 400 annos»*.

O governo lança proclamação: *«É preciso, custe o que cus, lutar, manter os pontos cardeais paulistas nos lugares»*.

As arvores das ruas se perfilam, nuas: *«Nos lugares!»*.

Onde está a alma paulista? No pico do Jaraguá vão descobrir Anchieta genuíno, exultando e futuro. Elle vigia a vespera. No instante, o futuro parece girar nos quatro ventos:

*«A mim, Anchieta!»*

O Oeste, de attudes definidas e definitivas, com o pensativo dentro das fronteiras paulistas e todos estão atrás das divisas.

Ja ha sé, o este análexis.

Aereo de Alm. Camargo

Marco memoravel

Pela incaria de uns, pela inasentado de outros, pela indifferença de muitos, pelo impatriotismo da mór parte do regime republicano, que tão aspiensamente nascera, escudado no civismo mais alto, na capacidade mais devotada, de meandro em meandro, como uma candelha, paulatinamente, se foi despendendo do plano em plano, aos solgações e entreschoços das sazanças e desdinhadas.

Pais de privilegiados dotes naturais, onde a exhorbancia de meritos de se entremia a amegdanha dum clima perenne meandro, para camulo dos contrastes, viu, concomitante com sua derrocada politica, tambem sua economia definir continuamente, até atingir ás ratas da desmoralização e do

descredito, revelados por cambio vil e imperadoral.

Entretanto os arautos, interessados em proclamar os chãos e ditirambos para decantar as maravilhas operadas pelas administrações das successões procedentes, que se tem impunemente perpetuado, conseguiram arrebatrar a massa numerosa do incautos, apanalhados, que tem sido pela morte não só de incautos, e incapazes, mas tambem de egoistas e apathicos.

Mas todos se reclamavam de trazer a publico as verdades sobre a decadencia do regime. E a preparacão continuava. E a machorra se succedia á seccção. E o attentado que se tolerava hoje se transformava em combustivel para a desordem de amanhã. E o poder publico, até q' mehercia esse titulo, criando o braço dos ditadores rebulhos dos particularis, terminou pelo abandono da sociedade.

Quando accoutecia surgir nesse deserto de patriotismo um mago que tinha a coragem de levantar a voz para diagnosticar e prognosticar a enormidade que assolava a nação, chagado e anulado moralmente o povo desilbrado, essa voz, que não tinha echo, ás embalaras phantasias dos arautos da prepotencia oram mais saaves que a rudeza das verdades dos patriotas.

Quando se tratava da honra da historia, no seu determinismo implacavel, veto um dia trazer á mostra aquellos vaticinios que tinham sido ridicularizados por simples scepticos e comunistas...

A inconsistencia do governo illegalmente constituído á revolta do voto da população, não patente que, em 1930, bastou se desfaldasse uma bandeira colorida, trazendo nella inscripto um programma fallaz

PASTA DENTÍFICA



e irrealizavel, para que o povo, desilbrado de esperar que se cumprissem seus anseios, em alivio se incorporassem ás hostes dos messias regeneradores. E a passada civica se resumiu, bombastica, berrante, apalhadosa. E tal foi a inutilidade do quinhentico feito de armas, que insufficientes foram as commendas e os feudos a serem distribuidos aos herosos, que se tinham de toda a parte como cogumelos.

E a logica consequencia dessa vergonhosa patuasca, meus patriotas do S. Paulo de Urutunga—qual foi?

Paros a pena. Detenhemo-nos espirito na sua ancha de analisar, avaliar, ponderar as irregularidades humanas. E vivemos, no dia de hoje, os nossos corações acima das desigualdades que nos cercam. Nessas horas, a ordem em marcha dos nossos irmãos tomados nas trincheiras de 32. E façamos a tenção firme e inabalavel de continuar a trabalhar pela prosperidade material de S. Paulo, mas tambem, com o mesmo afiço e arbor, batalhemos continua e ininterruptamente pelo seu progresso economico. Que o marco memoravel de 9 de julho, levantado a custa do generoso sangue da mocidade paulista, abrangendo, pela sua essência, a rota a seguir, dividindo, bem illta, duas eras bon distinctas...

B. Brito

Uma data para a Historia do Pinhal

Foi a 20 de Agosto de 32. Desde cede ferillavam, na cidade, os boatos mais desconcertados. Dizia-se á socapa que a vizieta official de Itapira havia caído em poder das forças do general Jorge Pinheiro e que os nossos valentes defensores de Eleuterio operavam uma retirada estratégica, convocando para Mogy-Mirim. Seria possível que a formidável barreira fosse quebrada pelo furor dos diazistas?

Por uma coincidência, o comandante do Posto do Rancho considerava-se para visitar a posição occupada por uma companhia de 9 de Julho e rapazes pinhalenses.

Do alto da montanha, onde estava assentado um fazil-trincheira, desceria-se um vasto horizonte, e o ceno luzido da bella arena dominava todas as estradas. Os rapazes, vizieta e despreocupados, olhavam e rezavam-se no serviço de patrulhas. Era um dia lindo, de um céu muito azul. Uma brisa morna e agradável, com o frescor de se ouvir quando a voz do canhão, das bandas de Eleuterio, chegava até nós.

Do binóculo em punho, olhávamos para o nosso lado, pelos nos. Nada víamos. Em tudo restava um silencio profundo, uma culmaria impressionante.

De repente ouvimos o ruído de um auto, que se via a ingressar estrada que leva ao posto

de commando. Apareceu o Celso Florencio, ordenado do tenente Toledo, annunciando a chegada do capitão Quadros e do major Nino Gallo.—Que seria? Era a pergunta que todos, ansiosamente, diríamos mentalmente.

Fomos todos examinar as trincheiras protegidas por grandes pedras e ocultas no meio de verdejante caezal...

Os dola officiaes retiraram-se logo, não accoutendo um successo triumphal que estava sendo preparado.

Á tarde regressava eu á cidade e estive na Casa do Soldado, onde as senhoras e moços enviavam os nossos valentes defensores.

Mas, desde alguns dias, a cidade estava em se escurecer. A vizieta de nosos bravos contrastava não pudera impedir que o inimigo dominasse a Uaiua do Salto. Desde então começou o terror. Os paulistas, mais que nunca, de auto aproveitando os treus da Mozyana, como que adivinhando a proxima invasão, começaram seus laros, mandavam Mogy, Campinas e S. Paulo.

A nossa linda cidade parecia transformada numa necropole. Nem um auto rodando pelas ruas quebrava o silencio formidável do urbs.

Á tarde do dia 30 parte uma companhia de soldados, adivindo de rechaas o inimigo que não apoderára da Uaiua. Todos nós,

JOSE B. DE CARVALHO MENDES  
Cirurgião-Dentista

Todos os trabalhos de Odontologia pelos processos modernos  
Abcessos — Gengivites — Estomatites  
DENTADURAS  
Das 7 1/2 ás 11 e das 13 ás 16 1/2 horas  
RUA JORGE TIBIRICÁ, 68—ESP. SANTO DO PINHAL

cheios de confiança nos valentes que iam medir forças com os inimigos, imploravamos o favor do céu. Era preciso vencer e expular as hordas que se avizinhavam do Pinhal.

Algumas horas escorram lentamente, como si fossem secas. E todos nós, num ansio tremor, já começavamos a descer...

Mas as primeiras sombras envolventes a cidade, eis que se espalham com rapidos insulhos, uma noticia terrivel: uma ambulancia corria a toda a pressa em demanda do Hospital e de lá retirava alguns soldados feridos, que se encontravam em tratamento, carregados para Mogy. Estavam ha pouco hospitalizados, victimas de um desastre nua e outro de ferimentos em combate.

Não havia mais duvidas, era a retirada que começava a ser feita, retirada em ordem e seriedade, mas que nos mergulhava a todos em profundo desespero.

Em não quiz acreditar na noticia que nos fora dada. Corri ao Hospital e lique então inteirado de tudo.

As irmãs religiosas, chorando de um estado de afflicção rigido de lo, confinaram a triste nova.

Da casa de caridade corri á estação. Não queria crer no que nos affirmava tanta gente. No parter de manobras deparei um spectaculo estranho, um movimento desnado. Quando eu me encontrava ali, com suas possantes locomotivas de fogos accios, manobravam silencios, encostado á plataforma.

Da outra do cemiterio, do caminho da Areia Branca, do Rancho e de outras partes chegavam a toda pressa caminhões e mais caminhões repletos de soldados.

O primeiro comboio, longo e pesado, sahia lentamente, só se parando e refulgindo quando da machida. Depois outro, outro e por fim o ultimo. Da curva, que se agui ficaram, ali, pareciam percorrer as trincheiras fagulhas que illuminavam o céu escuro. Era o incendio de nossas esperanças que só diluía em cinza, em nada. Pouco a pouco foi sumido o roncilar da locomotiva. Já longe, muito longe de nós que ficavamos... Mi e deixamos defenestrar a machida, let nobressemos de embarcar. Anuncia, ficarmos á mercê do inimigo, que viria tomar posse desta botação a pouco foi sumido o roncilar da locomotiva de dor, re-

gresso para casa. Na rua Direita encontro um amigo que, apavorado como eu, assim me fala: *«Que está fazendo por aqui? Não corra que os mineiros entram na cidade»*.

Voltei para o Hospital. Ah! encontro o cap. Alberto Florencio e uma senhora, o Francisco Magalhães e todos os meus. Até as horas passamos em companhia das irmãs, comentando os factos que acabavamos de presenciar e procurando nos consolar mutuamente.

Só bem tarde é que nos acomodamos, buscando um pouco de repouso. Toda a bravura do tenente Caboco a do tenente Leite, do 1.º e heróico de tenente Benedito, todos as faças dos valentes rapazes pinhalenses e dos soldados voluntarios que aqui vieram nos auxilios, toda a efficiencia da Força Publica que se encontrava nas trincheiras,—tudo isto, por uma fatalidade medonha, por circumstancias que não sabemos explicar, fora uma barreira tuita do lado das forças inimigas...

30 de Agosto foi em Pinhal o derradeiro dia da oppoção paulista, do 1.º e heróico de tenente do sobraltes e de covardias, que se delinharam na macha seguinte, ao verno tanta gente de bracos cruzados com officias já bradando!

9 DE JULHO

As se rememora a gloria e poer de 32, ao povo pinhalense que tem demostroado, pela bravura de seus filhos, o seu heroico afflicto á terra abençoada de São Paulo, tendo mesmo na galria dos martyres Pinistas Jorge Guirio, João Basso dos Reis, José Tavares de Moraes, Innocencio de Souza, e outros, commissoes coordenadoras das commereções e homenagem a todos os bravos heroes que tombaram em defesa da honra e dignidade de São Paulo, nesta macha de 9 de julho, e a honra e respeito de todos os classes e estados da sociedade desta commereções civicas.

PROGRAMMA

9 horas—Missas solenne na Igreja Matriz, rezada pelo revmo. padre J. B. de Oliveira.

9 1/2 horas—Remora em cemiterio em visita aos tumulos dos soldados mortos em comb. do tenente e capitão de 32, e de todos os bravos heroes do Theatro Avenida, onde se larão ouvir varios oradores.

A COMMISSAO

Benedito B. Silva e Mario Teóphoro, do «Batallião Pinhalense de Voluntarios».

Pela Federação dos Batallhões: Joaquim Ferreira e Nino de Souza Peixoto do «Batallião Pinhalense de Voluntarios».

Pelo Batallião Constitucionalista:

Dr. Carollino da Motta e Silva de 32, do «Batallião de Praticantes» e Dr. Raul Ribeiro Vergeiro, do «Batallião Pinhalense de Voluntarios».

Pelo Partido Republicano Paulista:

Dr. Francisco Alves Florencio e Dr. Abilio Cabral.

NOTA—Pede-se ás exmas. senhoras e senhoritos livers a maior quantidade de flores ao cemiterio.

